

A propósito de Foucault e os mecanismos de controle: o biopoder

About Foucault and the control mechanisms: biopower

Sobre Foucault y los mecanismos de control: biopoder

Itamar Teodoro de Faria

Resumo: A partir das Obras “História da sexualidade: a vontade de saber” (1976) e “Segurança, território, população: curso dado no Collège de France” (1977-1978), este texto busca contextualizar, de modo geral, a forma como Michel Foucault, na esteira de sua reflexão geral sobre o Poder e os mecanismos de controle, concebe o biopoder. Dessas obras, bem como a partir dos comentadores de Foucault, depreende-se que o biopoder não é uma forma de poder oposta ao poder disciplinar, ao contrário, soma-se a ele numa compreensão mais ampla do poder, particularmente a partir do século XVIII, podendo ser visto como uma forma de exercício do poder do Estado, a qual, somada ao poder disciplinar, emerge em Foucault como parte do processo de subjetivação, formação dos sujeitos, a partir da incorporação de formas de saber na própria gestão das populações e territórios.

Palavras-chave: Michel Foucault. Mecanismos de controle. Biopoder.

Abstract: From the works “History of sexuality: the will to know” (1976) and “Security, territory, population: course given at the Collège de France” (1977-1978), this text seeks to contextualize, in general, the Michel Foucault, in the wake of his general reflection on Power and control mechanisms, conceives of biopower. From these works, as well as from Foucault’s commentators, it appears that biopower is not a form of power opposed to disciplinary power, on the contrary, it adds to it a broader understanding of power, particularly from the 18th century can be seen as a form of exercise of state power, which, added to disciplinary power, emerges in Foucault as part of the process of subjectivation, formation of subjects, from the incorporation of ways of knowing in the management of populations and territories.

Keywords: Michel Foucault. Control mechanisms. Biopower.

Resumen: De las Obras “Historia de la sexualidad: la voluntad de saber” (1976) y “Seguridad, territorio, población: curso impartido en el Collège de France” (1977-1978), este texto busca contextualizar, en general, el Michel Foucault, a raíz de su reflexión general sobre el poder y los mecanismos de control, concibe el biopoder. De estos trabajos, así como de los comentaristas de Foucault, parece que el biopoder no es una forma de poder opuesto al poder disciplinario, por el contrario, le agrega una comprensión más amplia del poder, particularmente desde el siglo XVIII puede verse como una forma de ejercicio del poder estatal, que, sumado al poder disciplinario, emerge en Foucault como parte del proceso de subjetivación, formación de sujetos, a partir de la incorporación de formas de conocimiento en el manejo de poblaciones y territorios.

Palabras clave: Michel Foucault. Mecanismos de control. Biopoder.

INTRODUÇÃO

Paul-Michel Foucault nasceu em Potiers, França, em 15 de outubro de 1926. Em 1949, licenciou-se em psicologia e também recebeu diploma em estudos superiores em filosofia. Faleceu em Paris, em 25 de junho de 1984, com 57 anos de idade.

Foucault tornou-se conhecido como notável filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, entre 1970 a 1984. Suas investigações orbitaram o “desenvolvimento de uma arqueologia do saber filosófico, da experiência literária, das práticas de subjetivação, da análise do discurso e também sobre a relação entre poder e governamentalidade” (SOARES, 2013, p.1).

Das diversas e importantes obras de Foucault destacam-se, por exemplo: As palavras e as coisas (1966); Vigiar e punir (1975); História da sexualidade: A vontade de saber (1976), O uso dos prazeres (1984), O Cuidado de si (1984); Nascimento da biopolítica (1978-1979);

Microfísica do Poder (1979) e Segurança, território e população (1977-1978).

Da vasta obra de Michel Foucault cabe apontar que não existe nenhum livro especificamente dedicado ao tema Poder. Todavia, não é descabido pontuar que esse tema percorre sua produção, a partir de diversas formas. Quer se considere a contextualização das análises históricas que realizou, quer o exercício do que ele acreditava ser o papel de um intelectual, Foucault encontrava-se enredado com a questão do poder. Se uma teoria geral sobre o poder não foi elaborada, contudo, “ao debruçar-se sobre as questões da loucura ou da sexualidade, sobre as prisões ou os asilos, Foucault jamais deixou de preocupar-se com o poder. Por esse motivo, a questão do poder é indissociável de sua obra e constitui-se em um tema imanente ao seu pensamento” (POGREBINSCH, 2004, p.179).

Inúmeras interpretações da obra de Foucault, e muitas outras obras que tem em Foucault o seu arcabouço

¹Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Unidade de Passos). E-mail: itamar.faria@uemg.br

teórico-metodológico ou temático, foram produzidas. Não há aqui nenhuma pretensão em detalhar todas essas produções. O objetivo deste texto é, a partir das obras “História da Sexualidade: A vontade de saber” e “Segurança, Território, População”, com a ajuda de alguns de seus intérpretes/comentadores, refletir sobre uma das facetas de sua abordagem sobre o poder e seus mecanismos de controle, especificamente o biopoder.

A QUESTÃO DO PODER

Conforme Diniz & Oliveira (2014) ao considerar a problemática do poder, Michel Foucault construiu uma abordagem, nova, da perspectiva metodológica. Em seus estudos e análises sobre o poder, o que se percebe é uma mudança na forma como ele pode ser abordado. Assim, se as teorias clássicas delegavam ao Estado o monopólio do poder, Foucault ergue a sua análise “não a partir do centro, isto é, do Estado, do poder instituído e estruturado, mas das periferias, dos ‘micro poderes’, para enfim, descobrir como ele permeará todas as estruturas sociais”.

Empreendendo uma pesquisa de cunho histórico e, na sua esteira, buscando perceber as várias formas de domínio do poder, analisou suas transformações e sua constituição histórica. Tendo Nietzsche por base, Foucault denominou “genealogia” o método utilizado para identificar a articulação das novas formas de poder. Inicialmente, Foucault aponta como os filósofos clássicos justificaram o poder em termos da soberania (ao soberano cabia o direito de “deixar viver” ou “fazer morrer”).

O contexto de surgimento de novas tecnologias de poder é o das sociedades europeias do século XVIII. Tais tecnologia somente tornam-se possíveis com a emergência da categoria “sujeito” e os corpos físicos das pessoas são o espaço primeiro no qual se exerce uma nova forma de poder (FOUCAULT, 2007, p. 17).

Exemplos são a institucionalização das escolas, hospitais, quartéis, prisões e de outros ambientes. A tais ambientes denominou-se instituições de “sequestro”, por conta de individualizar o sujeito e usar técnicas disciplinares para torná-lo dócil. Um outro tipo de poder surgirá em fins do século XVIII, ao qual Foucault chamará de biopoder.

Enquanto o contexto daquelas sociedades leva ao surgimento do poder disciplinar, uma tecnologia de poder que concebe o corpo do homem como uma máquina e busca “educá-lo” para o tornar em um instrumento útil aos interesses econômicos, ao mesmo tempo o biopoder surge, tendo como foco o corpo coletivo e não o corpo individualizado.

O biopoder difere-se tanto do poder disciplinar como também do poder soberano, uma vez que se na soberania existia um direito do soberano em “deixar viver” ou “fazer morrer”, no biopoder ocorrerá uma

tecnologia de poder voltada para o “fazer viver” e o “deixar morrer”: um poder encarregado da preservação da vida, fazendo desaparecer tudo o que possa ameaçar a preservação e o bem-estar da população (DINIZ & OLIVEIRA, 2014).

A VONTADE DE SABER: A GENEALOGIA DO PODER

Termo introduzido por Foucault em “A vontade de saber”, é, contudo, em Vigiar e punir (1975) que “genealogia” assumirá contornos de sentido mais claros. Conforme Roberto Machado, estas obras possibilitaram que a problemática do poder fosse inserida nas análises históricas como um meio que permitiu explicar a forma como ocorre a produção dos saberes (MACHADO, 2009).

Inspirando-se na forma nietzschiana de questionar sobre as relações entre poder e saber, o “projeto genealógico” mostra-se original, particularmente quando confrontado com a ideia de poder como “superestrutura” oferecida pelo Marxismo. À ideia “microfísica” de um poder localizado apenas nas relações de força existentes nas altas classes e no Estado, Foucault propõe a ideia de uma “microfísica” na qual o poder dilui-se em todos os âmbitos da sociedade na forma de relações (FORNERO, 2007).

A genealogia, tratando-se de um tipo particular de história, qual seja aquela “que tenta descrever uma gênese no tempo” (VEIGA-NETO, 2011, p. 56), é um tipo de pesquisa que demanda bastante precisão, especialmente porque não é o caso de procurar a origem, literalmente, perseguindo a crença de “que as coisas em seu início se encontram em estado de perfeição” (FOUCAULT, 1979, p. 18). De outra forma, o desafio é debruçar-se sobre o tratamento minucioso de toda construção histórica dos saberes, tomando os acontecimentos da história como forma de não sucumbir às extrapolações metafísicas.

Com o seu “projeto genealógico”, é possível compreender que o foco da atenção de Foucault é perseguir a forma necessária para compreender o “nível molecular de exercício do poder” (MACHADO, 2009, p. 169). Daí que suas investigações e reflexões dirigiram-se para instituições como os hospitais, as fábricas, as escolas, os hospícios, os quartéis, as quais possibilitarão compreender a formação das relações de poder e a identificação das diversas relações de poder que de certo modo encontram-se fora do Estado.

É nesse sentido que não é apropriado concluir que o poder decorre do Estado e que este o detenha, uma vez que “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim porque provem de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p. 89). O poder se aloja em toda e qualquer relação de força, de modo que ninguém lhe escapa e, atravessando todo o tecido social, todos lançam mão, de um jeito ou de outro, deste dispositivo.

BIOPODER E MECANISMOS DE CONTROLE

Como já apontado acima, um dos elementos possíveis de se perceber na análise sobre o poder que Foucault faz é um significativo deslocamento da percepção do poder como monopólio o Estado para uma percepção de poder embasado nas relações sociais por meio de uma rede de micro poderes. Desloca-se a análise do centro (o Estado) para a periferia (a imensa gama de ramificações das relações sociais). Como o próprio Foucault afirma:

Em primeiro lugar: não se trata de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento (FOUCAULT, 1979, p. 182).

Da análise microfísica do poder, nos termos apresentados por Diniz & Oliveira (2014), apreendemos que a origem de todo o poder social não é no Estado, que também, não obrigatoriamente seria o ponto de partida para a origem do poder. Da mesma forma, apreende-se ser incorreto afirmar que o poder esteja nos altos escalões sociais ou na periferia. De fato, não se pode afirmar que o poder esteja em um lugar e não em outro. Pela forma como Foucault entende poder, não haveria locais que o poder se concentraria e outros em que ele inexistiria. Ressalta-se nessa leitura que os poderes não estão em lugares sociais específicos, mas distribuem-se “como uma rede de mecanismos que não escaparam a ninguém em toda a estrutura da sociedade”. Assim, o poder não seria uma propriedade possível a alguém, mas sim algo de “inerente a todo homem, onde quer que ele se encontre e se relacione. Portanto, não existem os que têm o poder e os que estão desprovidos de qualquer tipo de poder. Nas relações de poder, todos na sociedade exercem o poder, pois ele é algo que existe nas práticas sociais, efetuando-se como uma ‘máquina’ espalhada por toda a estrutura social” (DINIZ & OLIVEIRA, 2014).

O “poder disciplinar”, o conceber e tratar o corpo do indivíduo como máquina com o objetivo de adestrá-lo e transformá-lo, ocupou largamente as investigações foucaultianas. Enquanto a disciplina é um tipo de poder sobre o corpo individualizado, concomitantemente, no final do século XVIII, terá surgimento um tipo de poder voltado para a população e não para o indivíduo em particular. Foucault denominou “biopoder” esse outro mecanismo de poder.

Ao passo que no poder disciplinar ocorre uma técnica de controle do ‘homem-corpo’, por meio da punição

e da vigilância, a nova tecnologia de poder representada pelo biopoder irá se processar não pela supressão da técnica disciplinar, mas a incorporará. Tal incorporação é possível justamente por dizerem respeito a escalas de poder diferentes: enquanto a técnica disciplinar tem o ‘homem-corpo’ como foco, o biopoder dirige-se ao ‘homem-espécie’. A esse respeito, Foucault diz:

Mais precisamente, eu diria isto: a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença etc. (FOUCAULT, 1999, p. 291).

Desde o século XVIII o homem concebe-se como possuidor de um corpo, do que decorre o reconhecimento de si como pertencente a uma espécie. Tal reconhecimento produz questionamentos sobre a vida humana como algo a ser preservado. É esse o contexto que caminha para uma ‘biopolítica’ direcionada “para a regulamentação dos processos das massas”. No decurso disso, será necessário à biopolítica (grosso modo, a gestão das populações e territórios) uma tecnologia voltada para dispositivos que possibilitem resguardar a vida da população, cujo escopo é o controle daquilo que possa cercar a vida do homem, considerado não em particular, mas no conjunto da espécie humana. Biopoder é o nome dado por Foucault a essa “ferramenta fundamental para a tecnologia de poder que irá controlar as massas” (DINIZ & OLIVEIRA, 2014).

No tocante ao biopoder, Foucault explicita:

(...) essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder. (FOUCAULT, 2008, p. 3)

O biopoder, essa nova tecnologia de exercício do poder, desvela que as relações de poder ocorrem não somente no plano dos sujeitos em seus espaços particulares, como também se expande ao espaço da população. O controle individual amplia a escala, diz respeito agora aos fenômenos coletivos. Disso decorrerem as preocupações com a saúde e com o bem-estar da população. Surge uma política de policiamento para impedir o que possa ser ameaça à vida da população. Para preservar a vida da população, ações diversas são

levadas a cabo, com “uma medicina que vai ter, agora, a função maior de higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, (...) de campanha de aprendizado da higiene e da medicalização da população” (FOUCAULT, 1999, p. 291). Tais medidas se justificam pelo controle de situações (problemas) como natalidade e mortalidade, e tal controle é um dos mecanismos de poder do biopoder

Se a técnica disciplinar é a primeira “tomada de poder sobre o corpo que fez consoante o modo de individualização” (FOUCAULT, 1999, p. 291), também com o biopoder ocorre uma tomada de poder, agora massificante, o que, por voltar-se à espécie humana, levará o nome de biopolítica, cuja preocupação serão as relações entre a espécie humana e o meio no qual ela vive (FOUCAULT, 1999). Mais que nunca, o poder como produção de saber, terá uma fundamentalidade: a população necessita de condições adequadas do ambiente para preservar-se; problemas geográficos e climáticos, bem como, por exemplo, as epidemias, afetam essa preservação da espécie; daí a produção de conhecimento auferida com as taxas de natalidade e mortalidade, associadas às várias incapacidades ou fragilidades biológicas, permitirá a biopolítica direcionar seu poder para áreas específicas. Esse poder/saber produzido será peça chave no aperfeiçoamento dos mecanismos de poder, então “baseados numa espécie de previdência, que tem por objetivo – além de alcançar a baixa da morbidade e a alta da natalidade – prolongar a vida da espécie humana. Para isso serão estabelecidos mecanismos reguladores com o intuito de manter o equilíbrio da população” (DINIZ & OLIVEIRA, 2014).

Na obra constituída pelas aulas ministradas no Collège de France (1977-1978), publicada como “Segurança, Território, População”, Foucault empreende investigação acerca da relação entre poder e governamentalidade, na qual busca compreender, tendo o conceito de biopoder por base, “de que forma o saber político pode ser utilizado como instrumento de controle da população, bem assim quais mecanismos são empregados por esse saber para alcançar esse desiderato” (SOARES, 2013).

Na argumentação apresentada nesta obra (Segurança, território, população), em sua preocupação de compreender os mecanismos de poder Foucault indica as linhas que guiam seu raciocínio: Primeiro, “a análise desses mecanismos de poder não é uma teoria geral do poder” (FOUCAULT, 2008, p. 3); o que mostra a sua preocupação não com uma definição geral do poder, mas sim com a análise das relações de poder em suas dinâmicas.

Segundo, “(...) conjunto de procedimentos que têm como papel estabelecer, manter, transformar os mecanismos de poder, pois bem, essas relações não são autogenéticas, não são auto subsistentes, não são fundadas em si mesmas” (FOUCAULT, 2008, p. 4). O que explica a premissa de que os mecanismos de poder não se

originam de si mesmos, mas são produzidos na e pela rede de poder.

Em terceiro está o reconhecimento de que a investigação desses mecanismos de poder favorece “a análise global de uma sociedade” (FOUCAULT, 2008, p. 5), e revela “quais são os efeitos de saber que são produzidos em nossa sociedade pelas lutas, os choques, os combates que nela se desenrolam, e pelas táticas de poder que são os elementos dessa luta” (FOUCAULT, 2008, p. 5).

Em quarto está a noção de que, conforme SOARES (2013) é inerente a todo discurso teórico ou simplesmente analítico um discurso no imperativo, do tipo “lute contra isto e desta ou daquela maneira” (FOUCAULT, 2008, p. 5). De tal modo, seu discurso seria perpassado por um imperativo condicional, “indicadores táticos”, “pontos-chave, gênero deste: se você quiser lutar, eis algumas linhas de força, eis algumas travas e bloqueios” (FOUCAULT, 2008, p. 6).

A quinta e última indicação é a formulação de um único imperativo, categórico e incondicional, qual seja, o de “nunca fazer política” (FOUCAULT, 2008, p. 6) (SOARES, 2013).

Apresentadas as cinco indicações foucaultianas acima, que segundo o próprio autor são mais “indicações de opção” (Foucault, 2008, p. 3) do que princípios, regras ou teoremas, esclarece ele três questões fundamentais relativas ao seu Curso Segurança, Território, População.

Isto posto, Foucault segue na apresentação de questões-esquemas. Inicialmente aborda o que se entende por segurança, dando como exemplo (modulado em três tempos): lei penal e punição; lei penal e seus mecanismos de vigilância e correção, bem como o mecanismo disciplinar; dispositivos de segurança - para que possa bem definir o sentido e alcance de segurança (SOARES, 2013).

Resta importante destacar que, segundo Foucault:

Os mecanismos que visam manter o controle sobre os indivíduos e a população, mecanismos jurídico-legais, mecanismos disciplinares e os mecanismos de segurança, não são excludentes entre si, de modo que em um determinado contexto social o que muda são as técnicas dos mecanismos de controle, o que faz com que haja a predominância de uns sobre os outros, uma nova configuração da inter-relação entre elas, mas não a exclusão de um ou uns pela presença do outro (SOARES, 2013).

No tocante às questões de espaço, o que está explícito é que a soberania se exerce nos limites de um território, a disciplina se exerce sobre o corpo dos indivíduos e, por fim, a segurança se exerce sobre o conjunto de uma população” (FOUCAULT, 2008, ps. 15-16).

Disciplina e segurança redundam em uma repartição espacial, exemplificada pelo planejamento da cidade (a partir do século XVIII), que definia as condições de circulação (de pessoas, mercadorias, ar) em seu interior por meio dos controles reguladores, “visando promover a higiene, o arejamento e eliminar todas as espécies

de bolsões em que se acumulavam miasmas mórbidos, tudo isso em suposto benefício da vida e saúde das populações" (SOUSA, 2013)

Após ampliar a reflexão sobre a abrangência dos mecanismos de controle, versando sobre a circulação de cereais e os fisiocratas, a conclusão que se extrai da investigação foucaultiana é de que:

O dispositivo de segurança é estrategicamente concebido e instalado, portanto, nessa ambição teórico-ideológica e não mais numa perspectiva meramente jurídico disciplinar. A escassez alimentar que justificaria a intervenção estatal no território passa a ser uma quimera e a morte dos indivíduos tolerada, ou seja, essa situação estaria dentro do limite tolerável do ponto de vista social. Por isso, a população passa ser alvo de dispositivos de segurança, enquanto o indivíduo passa a ser visto como mero instrumento (SOUSA, 2013).

Também não pode ser ignorado o olhar de Foucault sobre a “força centrípeta dos dispositivos disciplinares” e a “força centrífuga dos dispositivos de segurança”, também posto a propósito da questão da escassez de alimentos. Nos termos de Foucault:

A disciplina concentra, centra, encerra. O primeiro gesto da disciplina é, de fato, circunscrever um espaço no qual seu poder e os mecanismos do seu poder funcionarão plenamente e sem limites. (...) a polícia disciplinar dos cereais é efetivamente centrípeta. Ela isola, concentra, encerra, é protecionista e centra essencialmente sua ação no mercado ou nesse espaço do mercado e no que o rodeia. Em vez disso, vocês vêem que os dispositivos de segurança, tais como procurei reconstruir-los, são o contrário, tendem perpetuamente a ampliar, são centrífugos” (FOUCAULT, 2008, p. 59).

Se, conforme Foucault, a tudo a disciplina regula, nada restando fora (impede o *laissez-faire*), o dispositivo de segurança, por outro lado, permite o *laissez-faire*, não absolutamente, mas nos limites de uma margem. À guisa de uma síntese, para Foucault, “a lei proíbe, a disciplina prescreve e o dispositivo de segurança, sem proibir ou prescrever, anula, limita ou regula uma realidade através de alguns instrumentos de proibição e de prescrição” (SOUSA, 2013).

REFERÊNCIAS

DINIZ, F. R. A. & OLIVEIRA, A. A. de. “Foucault: do poder disciplinar ao biopoder”. SCIENTIA. vol. 2, nº 3, p. 143-158, nov. 2013/jun.2014.

FORNERO, Giovanni. “Genealogia do Poder”. In: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 5ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. El poder psiquiátrico: Curso en el Collège de France (1973-1974). Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. Trad. Mana Ermantina Galvão – São Paulo: Martins fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. História da loucura. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Trad. Raquel Ralmhete. 38ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

MACHADO, Roberto. Foucault, a ciência e o saber. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

POGREBINSCH, Thamy “Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder”. LUA NOVA, nº 63: 2004, p.179-201.

RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1995.

SOARES, A. O. Biopoder: poder e governamentalidade. Âmbito Jurídico, v. 115, p. 1, 2013.

TORRES, Ana Paula Repolês. O paradoxo da biopolítica: a atualidade da violência nas sociedades modernas a partir de Foucault e Arendt. CONTROVÉRSIA, v.3, n.1, 2007

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

Página em branco.